

L. S. HILTON

MAESTRA

Tradução de Julio de Andrade Filho

FÁBRICA231

Prólogo

BAINHAS PESADAS E SALTOS ALTOS batiam e soavam no assoalho. Atravessamos o corredor para um conjunto de portas duplas, o murmúrio vindo lá de dentro indicando que os homens já tinham chegado. O quarto estava iluminado com velas, havia pequenas mesas posicionadas entre sofás e cadeiras baixas. Os homens que esperavam estavam vestidos com grossos pijamas de cetim preto e casacos com botões e laços, o brilho do tecido combinando com suas camisas engomadas. Uma pesada abotoadura ocasional ou um elegante relógio de ouro brilhavam à luz das velas, um monograma bordado ondulava sob um lenço de seda extravagante. Aquilo tudo teria parecido bobo, teatral demais, se os detalhes não fossem tão perfeitos, mas eu me sentia hipnotizada, minha pulsação lenta e intensa. Yvette estava sendo levada por um homem com uma pena de pavão presa no punho. Olhei para cima e vi outro homem se aproximando de mim, uma gardênia igual à minha na lapela.

— Então, é assim que são as coisas?

— Enquanto estivermos comendo, sim. Depois você pode escolher.

Bonsoir.

— *Bonsoir.*

Ele era alto e magro, embora o o corpo fosse mais jovem que o rosto, bastante severo e vincado, com cabelos grisalhos penteados para trás sobre uma testa alta e grandes olhos ligeiramente encapsulados como um santo bizantino. Ele me levou para um sofá, esperou enquanto eu me sentava e me entregou uma taça de cristal de vinho branco, claro e translúcido. A formalidade era arcaica, mas eu gostei da coreografia. Julien certamente apreciava o prazer da antecipação. As garçonetes, em sua maioria desnudas, reapareceram com pequenos pratos

de minúsculos pastéis de lagosta, e, depois, peito de pato desfiado sobre um molho de mel e gengibre, e doces crocantes de framboesa e morango. Eram apenas sugestões de comida, nada para saciar a fome.

— As frutas vermelhas deixam o sabor da vagina de uma mulher muito mais delicioso — comentou meu companheiro.

— Eu sei.

As conversas eram tranquilas, mas as pessoas sobretudo observavam e bebiam, olhando umas para as outras e para os movimentos rápidos das garçonetes, que tinham corpos de bailarinas; eram magras, mas com musculatura forte, as panturrilhas apertadas nas botas de cano alto. Um trabalho paralelo das meninas da *companhia de balé*? Vi Yvette ao longe, do outro lado da sala, sendo alimentada com um garfo de prata que espetava figos recheados de amêndoas; seu corpo deitado como o de uma serpente, uma parte da coxa escura apenas sugerida sob a seda vermelha. Solenemente, as garçonetes circularam pelo salão com apagadores de velas, diminuindo o brilho das luzes em uma nuvem de cera de abelha e, enquanto faziam isso, senti a mão do homem na minha coxa, circulando e acariciando, totalmente sem pressa, e uma resposta veio tensa entre as minhas pernas. As meninas arrumavam bandejas rasas contendo preservativos, pequenas garrafas de cristal de óleo de monoï lubrificante, servidos em pratos de bombons. Alguns dos casais se beijavam, felizes com os seus parceiros, outros se levantavam educadamente e atravessavam a sala para encontrar a presa que tinham escolhido anteriormente. A túnica de Yvette pendia sobre as pernas abertas, e a cabeça de um homem estava mergulhada ali. Cruzei meu olhar com o dela e ela sorriu, sensualmente, antes de deixar a cabeça cair entre as almofadas com o movimento de êxtase de um viciado.

Capítulo um

SE VOCÊ ME PERGUNTASSE como tudo começou, eu poderia lhe responder a sério que, na primeira vez, foi apenas um acidente. Devia ser mais ou menos seis da tarde, aquela hora em que a cidade se agita novamente sobre seu eixo, e, embora as ruas lá em cima estivessem sendo varridas pelo vento cortante de outro mês de maio desolador, a estação de metrô estava úmida e abafada, sórdida até, com jornais descartados e guardanapos de fast-food largados no chão, turistas irritados em suas roupas berrantes amontoados com os passageiros pálidos e resignados. Eu esperava na plataforma da linha de metrô de Piccadilly no Green Park após outro fabuloso começo de outra fabulosa semana em que eu seria intimidada e tratada como idiota naquele meu emprego superfabuloso. Quando o trem ao lado oposto se afastou, um gemido coletivo baixo percorreu a multidão. O luminoso mostrava que o próximo trem estava preso em Holborn. Alguém nos trilhos, provavelmente. Típico, você podia ver as pessoas pensando isso. Por que eles sempre acham que devem se atirar nos trilhos bem no horário de pico? Os passageiros por toda a fila estavam se afastando, e entre eles uma garota em saltos altíssimos e um vestido superjusto, um azul berrante. *Era um Alaïa da estação passada da Zara*, pensei. Provavelmente ela ia a caminho da Leicester Square com os outros babacas idiotas. Seu cabelo era extraordinário, uma grande cascata cor de ameixa com apliques de algum tipo de fio de ouro que absorvia e refletia a luz de néon.

— Judeee! Judy! É você?

Ela começou a acenar para mim com entusiasmo. Eu fingia não ouvir.

— Judy! Aqui!

As pessoas estavam começando a olhar. A garota vinha mancando precariamente perto da faixa de segurança amarela.

— Sou eu! Leanne!

— Sua amiga está chamando — disse a mulher ao meu lado, solícita.

— Falo com você lá em cima em um minuto!

Eu não ouvia mais vozes como a dela. E nunca esperaria ouvir a dela novamente. Ela obviamente não ia sumir, e o trem, por sua vez, não mostrava nenhum sinal de aparecer, então ajeitei minha pesada pasta de couro no ombro e abri caminho através da multidão. Ela estava esperando no corredor entre as plataformas.

— Oi! Achei mesmo que era você!

— Oi, Leanne — respondi cautelosamente.

Ela tropeçou os últimos passos em minha direção e jogou os braços em volta de mim como se eu fosse sua irmã há muito perdida.

— Quem diria! Trabalhando num escritório? Eu não sabia que você estava aqui em Londres.

Não ressaltai que isso se devia, provavelmente, ao fato de não termos nos falado em uma década. Amizade no Facebook não era uma coisa realmente do meu estilo, e eu não precisava ser lembrada, não mesmo, de onde eu tinha vindo.

Mas aí, eu me senti uma vaca por agir assim e falei:

— Você está ótima, Leanne. Eu amo seu cabelo.

— Não uso mais Leanne, na verdade. Agora sou Mercedes.

— Mercedes? Isso é... Hã... Legal. Eu agora uso Judith, na maioria das vezes. Parece mais adulto.

— Isso mesmo, olhe só pra nós, hein? Somos adultas.

Eu não acho que soubesse, então, como me sentia quanto a isso. E acho que nem ela.

— Escute, tenho uma hora vaga antes do trabalho. Topa um drinque rápido, pra gente colocar o papo em dia?

Eu poderia ter dito que estava ocupada, que estava com pressa, ter anotado o telefone dela como se eu fosse realmente ligar algum dia. Mas para onde eu tinha que ir? E havia algo naquela voz estranhamente bem-vinda em sua familiaridade que me fez sentir solitária e tranquilizada ao mesmo tempo. Eu tinha apenas duas notas de vinte libras, essa era toda a minha fortuna, e faltavam quatro dias para o meu pagamento. Ainda assim, algo poderia acontecer, então...

— Claro — respondi. — Deixe-me lhe pagar uma bebida. Vamos para o Ritz.

Dois coquetéis de champanhe no bar do Rivoli, 38 libras. Eu tinha 12 no meu cartão do vale-transporte e duas na mão. Não me sobraria muito para comer até o fim da semana. Foi estúpido, talvez, querer me exibir assim, mas, às vezes, você precisa mostrar ao mundo um pouco de coragem. Leanne — Mercedes — pescou entusiasticamente a cereja marasquino que balançava no fundo da taça, usando uma unha postiça cor fúcsia, e depois tomou um gole alegremente.

— Isso estava bom demais, obrigada. Embora hoje em dia eu prefira uma taça de Roederer.

Bem, ninguém mandou “eu” querer ser espalhafatosa.

— Trabalho aqui perto — comentei. — Com arte. Em uma casa de leilões. Sou responsável pelos Velhos Mestres — Isso não era verdade, mas eu apostava que Leanne não saberia distinguir um Rubens de um Rembrandt.

— Que chique... — respondeu ela.

Mas parecia entediada agora, brincando com o misturador do drinque. Eu me perguntei se estaria arrependida de ter me chamado, mas em vez de me sentir irritada, tive um sentimento patético de querer agradá-la.

— É sim — respondi confiante, sentindo o álcool e o açúcar me acalmando enquanto navegavam pelo sangue. — Mas o salário é uma porcaria. Normalmente, acabo o mês sem um centavo.

“Mercedes” me contou que estava morando em Londres já fazia um ano. E trabalhava em uma champanheria em St. James.

— Tenho que reconhecer que é um lugar elegante, mas vive cheio daqueles mesmos velhos safados. Nada desonesto — ela acrescentou rapidamente. — É apenas um bar. E as gorjetas são incríveis.

Ela alegou que estava conseguindo ganhar 2 mil por semana.

— Mas você ganha peso, infelizmente — disse ela com tristeza, cutucando a barriga minúscula. — Toda aquela bebida. Pelo menos, a gente não tem que pagar. E “derrame tudo nas plantas, se tiver que fazer isso”, Olly costuma dizer.

— Quem é Olly?

— O proprietário. Ei, você devia aparecer por lá qualquer hora, Judy. Fazer um bico, se estiver limpa... Olly está sempre procurando por meninas. Quer tomar mais um?

Um casal mais velho, provavelmente indo para a ópera, ocupou a mesa à nossa frente. A mulher correu os olhos criticamente pelas pernas de Mercedes, com seu bronzamento artificial, e pelo seu decote ousado. Mercedes girou na cadeira, olhando diretamente nos olhos da senhora, e, lenta e deliberadamente, descruzou as pernas e depois as cruzou de novo, dando a mim e ao pobre bode velho que acompanhava a mulher um vislumbre de sua calcinha de renda preta. Não houve necessidade de perguntar se alguém tinha algum problema por ali.

— Como eu estava dizendo — disse ela, quando a mulher se virou para o cardápio de bebidas, roxa como uma beterraba —, é muito legal. As meninas são de todos os cantos. Você ficaria demais se se arrumasse um pouco. Vamos.

Olhei para meu terninho preto de tweed. O paletó meio puído pelo uso, a saia plissada um tanto esvoaçante. Era para parecer provocante, digamos assim, com um ligeiro toque intelectual — ou, pelo menos, era isso o que dizia a mim mesma quando desajeitadamente remendava as bainhas pela enésima vez —, mas ao lado de Mercedes eu parecia mais um corvo deprimido.

— Agora?

— Sim, por que não? Eu tenho um monte de coisas na minha mochila.

— Eu não sei, Leanne.

— Mercedes.

— Desculpa.

— Vamos lá, você pode usar meu corpete de renda. Vai ficar demais com seus peitos. A menos que você tenha um encontro.

— Não — retruquei, inclinando a cabeça de novo para pegar as últimas gotas de angostura com as bolhas de champanhe. — Não tenho um encontro.

Capítulo dois

EU LI EM ALGUM LUGAR que causa e efeito são prevenções contra o acaso, contra a mutabilidade terrivelmente imprecisa do destino. Por que fui com Leanne naquele dia? Não tinha sido um dia pior do que qualquer outro. Mas as escolhas são feitas antes das explicações, quer a gente se importe ou não em conhecê-las. No mundo da arte, existem apenas duas casas de leilões que você precisa realmente conhecer. São aquelas que realizam negócios de 100 milhões de libras, que lidam com as coleções de duques desesperados e oligarcas socialmente ansiosos, que encaminham mil anos de beleza e de trabalhos manuais através de seus quartos silenciosos como museus, transformando tudo isso em dinheiro, o sensual dinheiro. Quando consegui o emprego na British Pictures, três anos antes, senti que finalmente tinha conseguido. Por um dia ou dois, pelo menos. Logo percebi que os carregadores, os caras que realmente carregavam peso, eram as únicas pessoas por ali que se importavam com as telas. O resto delas ficava lá realmente coçando o saco. Apesar de eu ter conseguido o emprego por mérito, apesar de trabalhar duro, de ser diligente e de meu quase sempre impressionante conhecimento da arte, fui obrigada a admitir que, naquilo que dizia respeito aos padrões da casa, eu não era nitidamente impressionante. Depois de duas semanas no departamento, tinha concluído que ninguém, de fato, se importava se você era capaz de distinguir um Bruegel de um Bonnard, porque lá havia outros códigos mais vitais para se quebrar.

Mas existiam algumas poucas coisas de que eu ainda gostava em relação ao meu trabalho naquela casa de leilões, mesmo depois de três anos. Eu gostava de passar em frente ao porteiro uniformizado e entrar no saguão perfumado com o aroma das orquídeas. Gostava também

da satisfação que sentia com os olhares reverentes dos clientes, olhares que eram reservados aos “especialistas”, enquanto eu subia a imponente escadaria de carvalho, porque, naturalmente, tudo ali parecia ter três séculos de imponência. Também gostava de ficar bisbilhotando as conversas das secretárias trilíngues, suas vogais francesas e italianas revoando tão impecavelmente quanto o cabelo. E gostava que, ao contrário delas, não precisava ficar me contorcendo para apanhar uma mecha rebelde escapando de minha chapinha. Eu me sentia orgulhosa daquilo que havia conseguido, atingindo a posição de assistente depois de um ano trabalhando como estagiária. Não que eu pretendesse permanecer no departamento por muito tempo. Eu não passaria o resto da minha vida olhando pinturas de cães e cavalos.

Aquele dia, o dia em que esbarrei em Leanne, tinha começado com um e-mail de Laura Belvoir, a chefe-adjunta do departamento. Foi intitulado “Ação Imediata!”, e não trazia nenhum texto no corpo. Atravessei o escritório para perguntar o que ela queria. Os chefes tinham estado recentemente em um curso de gestão, e Laura realmente gostara do conceito de comunicação digital entre chefe e subordinados, embora ainda não tivesse, infelizmente, dominado totalmente a capacidade de escrever o que queria.

– Quero que você faça as localizações para os Longhi.

Estávamos preparando uma série de imagens de grupos do artista veneziano para a próxima venda italiana.

– Você quer que eu vá checar os títulos no depósito?

– Não, Judith. Esse é o trabalho de Rupert. Vá para a Heinz e veja se você pode identificar as telas.

Rupert era o chefe do departamento, que raramente aparecia antes das onze.

O arquivo Heinz tem um enorme catálogo de pinturas identificadas, e eu deveria procurar quais fidalgos britânicos poderiam ter posado para Longhi em seus coquetéis durante o século XVIII, pois a identificação de indivíduos em particular poderia torná-los mais interessantes para os compradores.

– Tudo bem. Você teria algumas fotografias, por favor?

Laura suspirou.

— No arquivo. Elas estão marcadas como Longhi / Primavera.

Como a casa ocupava um quarteirão inteiro, isso representava uma caminhada de cerca de quatro minutos entre o departamento e a biblioteca e o arquivo, coisa que eu fazia muitas vezes durante o dia. Apesar dos rumores de que era o século XXI lá fora, a casa de leilões continuava sendo gerida, em grande parte, como um velho banco vitoriano. Muitos dos funcionários passavam seus dias se arrastando pelos corredores entregando sacolas cheias de papel para os outros. O arquivo e a biblioteca não eram sequer informatizados; muitas vezes eu me deparei com um dos fantasmas das obras de Dickens desanimadamente entalado em cubículos escuros, entre montes de recibos e cópias triplicadas em Xerox. Peguei o envelope com as fotos e voltei à minha mesa para apanhar a minha bolsa. O telefone tocou.

— Alô? É a Serena, estou com as calças de Rupert aqui.

Fui até a recepção, peguei o pesado pacote do alfaiate de Rupert, carreguei-o por aqueles quase quinhentos metros desde a Saville Row e levei-o de volta para o departamento. Laura ergueu os olhos.

— Você não foi ainda, Judith? Que diabos andou fazendo? Bem, já que está aqui, por favor, poderia me trazer um cappuccino? Não vá à cantina, vá até aquele lugar simpático em Crown Passage. Peça recibo.

Café entregue, parti a pé até Heinz. Eu tinha cinco fotografias na bolsa, cenas no teatro Fenice, do Zattere e de um café no Rialto, e, após vasculhar as caixas por algumas horas, fiz uma lista de doze identificações positivas de fidalgos que estavam na Itália nas mesmas datas em que os retratos tinham sido feitos. Fiz uma checagem adicional, cruzando o inventário de Heinz com os retratos, de forma que a identificação pudesse ser indexada ao catálogo, e levei de volta para Laura.

— O que é isso?

— Os Longhi que me pediu para fazer.

— Mas esses são da venda efetuada há seis anos. Sério, Judith. As fotos estavam no meu e-mail de hoje de manhã.

Deve ter sido o e-mail que não tinha nada escrito.

— Mas, Laura, você disse que elas estavam no arquivo.

— Eu quis dizer no arquivo eletrônico.

Eu não disse nada. Fiz meu login no catálogo online, encontrei as fotos corretas (arquivadas como “Lunghi”), fiz o download delas para o meu celular e voltei para a Heinz com vontade de mandar Laura para aquele lugar por ter me feito perder tanto tempo. Eu tinha terminado a segunda série de atribuições no mesmo momento em que ela estava voltando do almoço no Caprice, e comecei a telefonar para os convidados que ainda não tinham confirmado a presença na venda particular do acervo. Depois, escrevi as biografias e enviei por e-mail a Laura e Rupert; mostrei a Laura como abrir o anexo, tomei o metrô para o depósito da Applied Arts perto do Chelsea Harbour para verificar uma amostra de seda que Rupert achava que poderia combinar com as telas de Longhi, descobri sem nenhuma surpresa que não combinavam, caminhei de volta a maior parte do caminho porque a linha circular estava parada na Edgware Road e fiz um desvio na Lillywhite, em Piccadilly, para pegar um saco de dormir para o acampamento do filho de Laura, reaparecendo exausta e encardida às 5:30, para receber outra bronca por faltar à visualização do departamento das pinturas nas quais tinha passado a manhã toda trabalhando.

— Honestamente, Judith — Laura comentou —, você nunca vai progredir se ficar passeando pela cidade quando deveria cuidar de suas obrigações aqui.

Deixando de lado minhas contorções para me livrar desses fios invisíveis que me atormentavam, talvez não fosse tão surpreendente que, quando me deparei com Leanne na estação do metrô, um pouco mais tarde, eu realmente sentia que precisava de uma bebida.